

FICHA TÉCNICA

Título original: *Behind Closed Doors*

Autora: *B. A. Paris*

Copyright © 2016 Bernadette MacDougall

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagens da capa: © *Trevillion Images*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 427 442/17

1.ª edição, Lisboa, julho, 2017

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRESENTE

A garrafa de champanhe embate na bancada de pedra mármore da cozinha, sobressaltando-me. Olho de relance para o Jack, na esperança de que não se tenha apercebido do meu nervosismo. Repara que estou a olhar para ele e sorri.

— Perfeito — diz-me, em surdina.

Pegando-me na mão, leva-me até onde os nossos convidados nos esperam. Ao atravessarmos o átrio, vejo o lírio em flor que a Diane e o Adam trouxeram para o nosso jardim. Possui uma tonalidade rosa tão bonita que espero que o Jack a plante num sítio onde eu a possa ver da janela do quarto. Só de pensar no jardim, os meus olhos enchem-se de lágrimas guardadas bem fundo dentro de mim e engulo-as rapidamente. Com tanta coisa em jogo esta noite, tenho de me concentrar no momento presente.

Na sala de estar, o fogo arde de forma constante na lareira antiga. Estamos a meio do mês de março, mas ainda se sente um frio lancinante no ar e o Jack gosta que os nossos convidados se sintam o mais confortáveis possível.

— Tens uma casa fantástica, Jack — diz o Rufus, com admiração. — Não achas, Esther?

Não conheço o Rufus nem a Esther. São novos nesta zona e hoje é a primeira vez que nos vemos, o que me faz sentir ainda mais nervosa do que já estou. Mas não posso deixar ficar mal o Jack, por isso esboço um sorriso, rezando para que eles simpatizem comigo. A Esther não retribui o sorriso e calculo que esteja a ser cautelosa. Não a censuro. Desde que se juntou ao nosso círculo de amigos, há um mês, com certeza que já lhe disseram inúmeras vezes que a Grace Angel, esposa

do ilustre advogado Jack Angel, é o exemplo perfeito de uma mulher que tem tudo — a casa perfeita, o marido perfeito, a vida perfeita. Se eu fosse a Esther, também ficaria desconfiada.

O meu olhar incide sobre a caixa de bombons caríssimos que ela acaba de tirar da mala e sinto um tremor de entusiasmo. Na tentativa de evitar que os entregue ao Jack, avanço naturalmente na sua direção e ela estende-mos, num gesto instintivo.

— Obrigada, têm um aspeto maravilhoso — digo eu, em jeito de agradecimento, pousando-os em cima da mesinha de apoio para os poder abrir mais tarde, quando servirmos o café.

A Esther intriga-me. É o completo oposto da Diane — alta, loura, magra, reservada — e não consigo evitar respeitá-la por ser a primeira pessoa que entra na nossa casa e não tece enormes elogios à mesma. O Jack insistiu em escolhê-la sozinho, explicando-me que seria a minha prenda de casamento, e vi-a pela primeira vez quando regressámos da lua de mel. Apesar de me ter dito que era perfeita para nós, só compreendi verdadeiramente o que ele queria dizer quando a vi. Erigida numa propriedade imensa no limite da aldeia, proporciona ao Jack a privacidade por que ele tanto anseia, assim como o privilégio de ser proprietário da casa mais bonita de Spring Eaton. E a mais segura. Possui um complexo sistema de alarme, com estores de aço que protegem as janelas do piso térreo. Deve parecer algo estranho o facto de estas se encontrarem frequentemente fechadas durante o dia, mas tal como o Jack diz a toda a gente que lho pergunta, com uma profissão como a dele, a segurança é uma das suas prioridades.

Temos vários quadros nas paredes da nossa sala de estar, mas as pessoas costumam ficar encantadas com a enorme tela vermelha pendurada por cima da lareira. A Diane e o Adam, que já a conhecem, mesmo assim aproximam-se para a contemplar mais uma vez, e o Rufus junta-se a eles, ao mesmo tempo que a Esther se instala num dos sofás de couro bege.

— É fantástica — diz o Rufus, olhando com uma expressão fascinada para as centenas de pequenas marcas que compõem a pintura.

— Chama-se *Pirilampos* — responde-lhe o Jack, enquanto desenrola o arame da garrafa de champanhe.

— Nunca tinha visto nada assim.

— Foi a Grace que o pintou — diz-lhe a Diane. — Imagina só.

— Deviam ver as outras pinturas da Grace. — O Jack faz saltar a rolha da garrafa com um leve som. — São um espanto.

O Rufus olha em redor da sala, com interesse.

— Estão aqui?

— Não, estão penduradas noutras divisões da casa.

— São só para os olhos do Jack — brinca o Adam.

— E para os da Grace. Não é, querida? — pergunta-me o Jack, com um sorriso. — São só para os nossos olhos.

— Pois são — concordei, desviando o olhar.

Juntamo-nos à Esther no sofá e a Diane dá um gemido de prazer quando o Jack verte o champanhe para as *flûtes*. Em seguida, olha para mim.

— Já te sentes melhor? — pergunta-me. — A Grace não pôde almoçar comigo ontem porque estava doente — explica ela, virando-se para a Esther.

— Foi só uma enxaqueca — protesto.

— Infelizmente a Grace sofre imenso disso. — O Jack olha para mim com uma expressão solidária. — O que vale é que nunca duram muito tempo.

— É a segunda vez que me deixas pendurada — assinala a Diane.

— Peço desculpa — respondo.

— Bem, pelo menos desta vez não te esqueceste — brinca ela.

— Porque é que não nos encontramos na próxima sexta-feira, para compensar? Estás livre, Grace? Nada de consultas de dentista de que te vais lembrar à última hora?

— Não, e nada de enxaquecas, espero.

A Diane voltou-se para a Esther.

— Queres vir connosco também? Tem é de ser num restaurante da cidade, porque eu trabalho.

— Obrigada, terei muito gosto. — Ela olha-me de relance, talvez para se certificar de que não me importo que vá também, e eu sorrio-lhe, sentindo-me incrivelmente culpada porque já sei que não vou.

Apelando à atenção de todos, o Jack brinda à Esther e ao Rufus, dando-lhes as boas-vindas à vizinhança. Ergo a minha *flûte* no ar e bebo um trago de champanhe. As bolhas dançam no interior da minha boca e experimento uma breve sensação de exultação, a qual tento preservar. Mas esta desaparece tão depressa como surgiu.

Olho para o sítio onde o Jack está a conversar animadamente com o Rufus. Ele e o Adam conheceram o Rufus no clube de golfe, há cerca de duas semanas, e convidaram-no para jogar uma partida. Ao descobrir que o Rufus era um excelente golfista, mas não a ponto de ser capaz de o derrotar, o Jack convidou-o, a ele e à Esther, para jantar. Observando-os juntos, é por demais evidente que o Jack está a tentar impressionar o Rufus, o que significa que é importante eu conquistar a Esther. Mas não será fácil; enquanto a Diane sente admiração, a Esther parece ser mais complicada.

Pedindo licença aos presentes, vou à cozinha buscar os canapés que preparei anteriormente e dar os últimos retoques no jantar. A etiqueta — o Jack é muito pedante no que a isso diz respeito — dita que não me posso ausentar por muito tempo, pelo que bato rapidamente em castelo as claras de ovo que estão na tigela e acrescento-as à base do *soufflé* que preparei antes também.

Enquanto disponho a mistura em formas individuais, lanço um olhar nervoso para o relógio, depois ponho as formas em banho-maria e levo-as ao forno, tomando nota da hora exata na minha cabeça. Sinto uma vaga de pânico momentânea, como se não fosse conseguir levar a cabo a tarefa, mas, lembrando a mim mesma de que o medo é meu inimigo, tento manter a calma e regresso à sala de estar com o tabuleiro de canapés. Distribuo-os, aceitando os elogios de todos com gratidão, pois com certeza o Jack também os ouviu. De facto, dando-me um beijo no cimo da cabeça, ele concorda com a Diane em como sou uma excelente cozinheira e eu exalo um suspiro de alívio silencioso.

Decidida a fazer algum progresso no que diz respeito à Esther, sento-me ao seu lado. Apercebendo-se, o Jack tira-me o tabuleiro de canapés das mãos.

— Mereces um descanso, querida, depois do trabalho todo que tiveste hoje — diz-me ele, equilibrando o tabuleiro nos seus dedos compridos e elegantes.

— Não deu trabalho nenhum — protesto, o que é mentira e o Jack sabe-o bem, uma vez que foi ele que escolheu a ementa.

Começo a fazer as perguntas certas à Esther: se já se instalou na vizinhança, se teve pena de deixar Kent, se os dois filhos já se adaptaram à escola nova. Por alguma razão, o facto de eu estar bem informada parece irritá-la, pelo que faço questão de lhe perguntar os nomes dos filhos, embora já saiba que se chamam Sebastian e Aisling. Sei inclusivamente a idade deles, sete e cinco anos, mas finjo não saber. Com a plena noção de que o Jack está atento a cada palavra minha, sei que irá interrogar-se sobre o que estarei a tentar fazer.

— Vocês não têm filhos, pois não? — pergunta-me a Esther, em jeito de retórica.

— Não, ainda não. Achámos por bem desfrutar de uns anos sozinhos primeiro.

— Mas há quanto tempo estão casados, então? — A voz dela revela surpresa.

— Há um ano — admito.

— Fizeram anos de casados na semana passada — interpõe a Diane.

— Além de que ainda não estou preparado para partilhar a minha linda mulher — diz o Jack, reabastecendo-lhe a *flûte*.

Observo, momentaneamente distraída, um pingo de champanhe falhar o copo e cair-lhe no joelho das suas imaculadas calças de sarja.

— Espero que não levem a mal a minha pergunta — começa por dizer a Esther, a sua curiosidade prevalecendo —, mas algum de vocês já tinha sido casado antes?

Ela parece esperar que a resposta seja sim, como se o facto de existir algures uma ex-mulher ou um ex-marido ressentido fosse prova de que não somos inteiramente perfeitos.

— Não, nenhum de nós — respondo-lhe.

Ela olha de relance para o Jack e sei que está a interrogar-se como é que alguém tão bem-parecido permaneceu solteiro durante tanto tempo. Sentindo o olhar dela sobre si, o Jack esboça um sorriso bem-disposto.

— Devo admitir que, aos quarenta anos, já começava a recear não conseguir encontrar a mulher perfeita. Mas assim que vi a Grace percebi que era a pessoa de quem eu estava à espera.

— Que romântico — suspira a Diane, que já conhece a história de como eu e o Jack nos conhecemos. — Perdi a conta à quantidade de mulheres com quem tentei emparelhar o Jack, mas nenhuma servia, até ter conhecido a Grace.

— Então e no teu caso, Grace? — pergunta-me a Esther. — Também foi amor à primeira vista?

— Sim — respondo-lhe, recordando. — Foi.

Emocionada com a recordação, levanto-me depressa demais e a cabeça do Jack vira-se rapidamente na minha direção.

— Os *soufflés* — explico, com calma. — Já devem estar prontos. Estão todos preparados para nos sentarmos à mesa?

Incitados pela Diane, que lhes diz que os *soufflés* não esperam por ninguém, eles esvaziam as *flûtes* e dirigem-se para a mesa. A Esther, porém, detém-se a meio caminho para inspecionar os *Pirilampos* e, quando o Jack se junta a ela em vez de a incitar a seguir até à mesa, suspiro de alívio pelo facto de os *soufflés* ainda não estarem minimamente prontos. Se estivessem, eu estaria à beira das lágrimas devido ao stress do atraso, em especial porque ele começa a explicar-lhe algumas das diferentes técnicas que eu utilizei para criar aquele quadro.

Quando por fim se sentam, cinco minutos depois, os *soufflés* estão cozinhados na perfeição. Enquanto a Diane exprime a sua admiração, o Jack sorri-me da ponta oposta da mesa e diz a toda a gente que eu sou realmente muito engenhosa.

Em noites como esta recordo o motivo por que me apaixonei pelo Jack. Encantador, divertido e inteligente, ele sabe exatamente o que dizer e como dizê-lo. Como a Esther e o Rufus são recém-chegados, ele certifica-se de que a conversa enquanto comemos os *soufflés* é do interesse deles. Pede à Diane e ao Adam que revelem informação sobre si próprios que possa ser útil aos nossos novos amigos, como as lojas onde costumam fazer compras e os desportos que praticam. Embora a Esther ouça de forma educada a lista de atividades de lazer deles, os nomes dos jardineiros e das

baby-sitters, bem como o melhor sítio onde comprar peixe, sei que é em mim que está interessada e sei que tenciona voltar à questão de eu e o Jack nos termos casado relativamente tarde, na esperança de encontrar algo — qualquer coisa — que lhe diga que a nossa relação não é tão perfeita como aparenta ser. Infelizmente para ela, vai ficar desiludida.

A Esther espera até o Jack ter trinchado o bife Wellington e tê-lo servido com batatas gratinadas e cenouras salteadas em mel. Há também pequenas ervilhas doces, que mergulhei em água a ferver imediatamente antes de tirar a carne do forno. A Diane está encantada com o facto de eu ter conseguido que ficasse tudo pronto ao mesmo tempo e admite que opta sempre por servir uma refeição estilo caril, que pode ser preparada com antecedência e aquecida no último minuto. Gostava de lhe dizer que preferia fazer como ela, que os cálculos meticulosos e as noites sem dormir são a minha recompensa por servir um jantar perfeito. Mas a alternativa — servir algo que não seja absolutamente perfeito — não é uma opção.

A Esther olha para mim, do outro lado da mesa.

— Então e onde é que tu e o Jack se conheceram?

— No Regent's Park — replico. — Numa tarde de domingo.

— Conta-lhe o que é que aconteceu — pede-me a Diane, a sua tez pálida ruborizada por causa do champanhe.

Hesito por breves instantes, pois é uma história que já contei antes. Mas é algo que o Jack adora ouvir-me contar, pelo que é do meu interesse repeti-la. Felizmente, a Esther vem em meu auxílio. Confundindo a minha pausa com modéstia, ela insiste.

— Conta lá, por favor — diz-me.

— Bem, correndo o risco de aborrecer quem já conhece a história — começo por dizer, esboçando um sorriso apologetico —, eu estava no parque com a minha irmã Millie. É costume irmos até lá aos domingos à tarde e no domingo em questão havia uma banda a tocar. A Millie adora música e estava a divertir-se tanto que se levantou do lugar e começou a dançar à frente do coreto. Tinha aprendido a dançar a valsa há pouco tempo e, enquanto dançava, estendeu os braços para a frente, como se estivesse a dançar com alguém. — Dou por mim a sorrir perante essa recordação e sinto

um desejo desesperado de que a vida ainda fosse assim, simples e inocente. — Embora a maior parte das pessoas presentes fosse tolerante, achando piada ao facto de a Millie estar a divertir-se — continuo eu —, apercebi-me de que uma ou outra pessoa parecia pouco à vontade e achei que devia fazer alguma coisa, chamá-la para que se viesse sentar, por exemplo. Mas algo em mim não o queria fazer porque...

— Que idade tem a tua irmã? — interrompe-me a Esther.

— Dezassete. — Pauso por breves instantes, sem querer encarar a realidade. — Quase dezoito.

A Esther arqueia as sobrancelhas:

— Quer dizer que ela gosta de ser o centro das atenções.

— Não, nem por isso, só que...

— Deve gostar, sim. Quer dizer, não é costume as pessoas levantarem-se e começarem a dançar no meio de um parque, pois não? — Ela olha em redor da mesa com uma expressão triunfante e, quando todos evitam o seu olhar, não consigo evitar sentir pena dela.

— A Millie tem síndrome de Down. — A voz do Jack quebra o silêncio constrangedor que se abateu sobre a mesa. — O que significa que tem por hábito ser maravilhosamente espontânea.

A confusão assoma ao rosto da Esther e fico irritada pelo facto de as pessoas que lhe contaram tudo e mais alguma coisa sobre mim não terem mencionado a Millie.

— Bem, antes de eu ter tempo para decidir o que fazer — digo eu, indo em auxílio dela —, um certo cavalheiro levantou-se do lugar, aproximou-se do sítio onde a Millie estava a dançar, fez uma vénia e estendeu-lhe a mão. Bem, a Millie ficou encantada e, assim que eles começaram a dançar a valsa, toda a gente desatou a bater palmas e depois outros casais levantaram-se dos lugares e começaram a dançar também. Foi um momento muito, muito especial. E, claro, apaixonei-me de imediato pelo Jack, por ter originado aquele momento.

— O que a Grace não sabia na altura era que eu a tinha visto no parque com a Millie na semana anterior e tinha ficado logo apaixonado por ela. Era tão atenciosa com a Millie, tão incrivelmente altruísta. Nunca tinha visto esse tipo de dedicação em ninguém e decidi que gostaria de a conhecer.